

**A PRESERVAÇÃO DAS COMUNAS CAMPONESAS RUSSAS E A CONSTRUÇÃO DO
SOCIALISMO: ANÁLISE DOS RASCUNHOS DE CARTA DE KARL MARX - VERA
ZASULITCH (1881)**

**LA PRESERVACIÓN DE LAS COMUNAS CAMPESINAS RUSSAS Y LA CONSTRUCCIÓN
DEL SOCIALISMO: ANÁLISIS DE LOS BORRADORES DE LA CARTA DE KARL MARX -
VERA ZASULITCH (1881)**

**THE PRESERVATION OF RUSSIAN PEASANT COMMUNE AND THE CONSTRUCTION
OF SOCIALISM: ANALYSIS OF THE DRAFT OF KARL MARX'S LETTER TO VERA
ZASULICH (1881)**

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v11i1.28819>

Marizete Andrade da Silva¹

Hormindo Pereira de Souza Júnior²

Resumo: Este artigo problematiza sobre as comunas camponesas russas e suas possibilidades de transformação, para uma forma superior de organização socialista ou, para sua total desintegração, a partir dos quatro rascunhos de cartas e da resposta enviada de Karl Marx para Vera Zaslitch. Sob vários aspectos estes documentos são relevantes para compreender as questões agrárias daquele país no final do século XIX, dentre eles destaca-se sua interpretação substantiva das peculiaridades materiais da comuna camponesa, e, o potencial que essa forma social apresentava para constituir o núcleo de uma rota alternativa ao socialismo russo.

Palavras-chave: comunas camponesas, comunismo, Karl Marx, Vera Zaslitch

Resumen: Este artículo problematiza sobre las comunas campesinas rusas y sus posibilidades de transformación, hacia una forma superior de organización socialista o, para su total desintegración, a partir de los cuatro borradores de cartas y de la respuesta enviada de Karl Marx a Vera Zaslitch. En varios aspectos estos documentos son relevantes para comprender las cuestiones agrarias de aquel país a finales del siglo XIX, entre ellos destaca su interpretación sustantiva de las peculiaridades materiales de la comuna campesina y el potencial que esa forma social presentaba para constituir el núcleo de una ruta alternativa al socialismo ruso.

Palabras clave: comunas campesinas, comunismo, Karl Marx, Vera Zaslitch

Abstract: This article problematizes about russian peasant communes and their possibilities of transformation, for a superior form of socialist organization either, for their total disintegration, from the four drafts of letters and the response sent from Karl Marx to Vera Zaslitch. In several respects these documents are relevant to understand the agrarian issues of that country in the late nineteenth century, among them is its substantive interpretation of the material peculiarities of the peasant commune and the potential that this social form presented to constitute the nucleus of an alternative route to russian socialism.

Keywords: peasant communes, communism, Karl Marx, Vera Zaslitch

Introdução

Este artigo problematiza, através de uma análise sucinta, as transformações das comunas camponesas russas para o desenvolvimento socialista, a partir de análise dos quatro memoráveis rascunhos³

e da versão final da carta de Karl Marx, elaborados em março de 1881, em resposta a ativista revolucionária Vera Ivanovna Zaslitch.⁴ Possivelmente, esta carta deve ter surpreendido Marx pela forma ingênua e sincera que é colocada a questão da comuna camponesa. Por um lado, não houve preocupação, pela correspondente, em sustentar teoricamente a problemática sob uma base ético-social, por outro deixa explícito que o conteúdo da resposta influenciará diretamente as estratégias de luta e o futuro dos membros do seu círculo político: “[...] trata-se de uma questão de vida ou morte, sobretudo para o nosso partido socialista. Do posicionamento da vossa parte sobre esta questão depende até mesmo o nosso destino pessoal como socialistas revolucionários” (ZASULITCH, 1881). O esforço para elaborar quatro rascunhos para se chegar a uma resposta mesmo diante de condições de saúde tão adversas, como o próprio Marx assume: “[...] um incômodo nervoso que periodicamente tem me afetado nestes últimos dez anos me impediu de responder antes sua carta de 16 de fevereiro”, traduz o quanto estava ciente da responsabilidade que lhe estava sendo atribuída. Sob outro prisma, a produção de quatro versões de resposta, pode estar relacionada ao surgimento de novas características do capitalismo que o conduzia para outras interpretações a respeito de mudanças de estágios do modo de produção, que poderiam materializar-se na Rússia diferentemente do que ocorria na Europa ocidental, e, que exigia dele cautela para não precipitar proposições equivocadas.

As referências ao campesinato e camponeses nas obras de Marx são consideradas esparsas e fragmentárias, uma vez que não houve uma exploração sistemática sobre estes temas dentro de sua produção teórica. Suas reflexões sobre as questões agrárias na Rússia, somente podem ser analisadas por intermédio de cartas, e, alguns manuscritos que deixam muitos pressupostos que não foram esclarecidos. No entanto, refletir as perspectivas de Marx em relação às transformações do capitalismo na agricultura e, conseqüentemente no que tange ao campesinato, demanda uma interpretação que reconheça as dimensões conceituais e históricas de sua produção intelectual. Além disso, o acentuado desenvolvimento industrial que intensificava as mudanças sociais constituía uma realidade que naquele momento exercia efeitos diretos em suas observações.

Peculiaridades do campesinato russo no século XIX

As relações agrárias que caracterizavam o Império Russo apresentavam três aspectos que o distinguia dos demais países da Europa: não houve alterações significativas na organização das comunas camponesas (Mir)⁵ até metade do século XIX; aboliu a escravidão somente depois que todos os outros Estados europeus já haviam feito, e, apresentava um fundo de colonização constituído por uma ampla extensão de terras desocupadas que teriam profundo impacto para seu desenvolvimento subsequente. O antigo sistema fundiário, que não tinha sofrido interferência nem mesmo com a revolução de 1848, somente passou a ter uma nova configuração treze anos após os movimentos de consolidação do poder político da burguesia que eclodiam pela Europa. Este redesenho de ocupação agrária, foi o resultado da chamada Reforma Emancipadora⁶ proclamada pelo imperador Alexandre II. Esta legislação permitia aos camponeses comprar diretamente dos proprietários frações de terras que ocupavam e, em contrapartida, competia ao Estado indenizar os senhores que tivessem sido “despossuídos” de suas terras. No entanto, os camponeses

permaneceriam como integrantes de um grupo doméstico e de uma comuna, ou seja, não detinham o direito de propriedade privada. Acrescidos a esta diretriz, estabelecia-se, ainda, que os camponeses deveriam assumir o compromisso de ressarcir o Estado pelo pagamento efetuado em ocasião da compra das terras; pagar imposto coletivo e, em nenhuma circunstância abdicar das responsabilidades da comuna, mesmo estando com um número reduzido de membros.

O descontentamento provocado pela reforma foi grande, haja visto que os camponeses entendiam que pagavam por terras que já os pertenciam. A insuficiência de terras recebidas e as elevadas taxas tributárias exigidas pelo Estado seriam fortes elementos para promover o êxodo rural, o que de certo modo contribuiria para a industrialização (SILVA, 2012). No entanto, as legislações que impediam os camponeses de saírem da comunidade, não possibilitaram que esse processo se realizasse. Caso optassem em não permanecer, teriam que abdicar das terras e manter o compromisso de efetuar os pagamentos para o Estado. Em decorrência da relação entre distribuição de terras das comunas com o número de membros da família, na eventualidade de que um integrante partisse, a disposição de terras para a família também reduziria. Na perspectiva de Blum (1968) do ponto de vista capitalista, esta era uma das facetas irracionais do sistema: a aquisição da terra (o fator escasso), pelos integrantes do Mir exigiria a retenção da mão de obra (fator abundante). A manutenção do Mir, dos trabalhos coletivos e dos campos abertos restringia o processo de mudança tanto fora da agricultura e quanto dentro dela.

Este conjunto de características e processos históricos pelos quais as comunas russas tinham passado, lhe conferiam peculiaridades que não se verificavam em formações camponesas na Europa Ocidental e, por conseguinte, as tornavam susceptíveis a inúmeras previsões históricas que passaram a serem confrontadas, à medida que, se conformavam as principais correntes políticas com tendências revolucionárias na Rússia.

As comunas camponesas e a construção do socialismo na Rússia

O debate sobre o destino das comunas, fez ressurgir com força em meados do século XIX, a polêmica antiga entre os eslavófilos e ocidentalizadores⁷. Muitos segmentos sociais acreditavam que independente do futuro da Rússia as comunidades camponesas seriam preservadas. Os populistas, tinham a expectativa de que as comunas seriam componentes essenciais na transformação para o socialismo, e, o elemento fundante deste pensamento era que o socialismo poderia ser alcançado sem necessariamente passar pelo estágio do capitalismo. Para eles as singularidades das comunas, como a coletividade e a democracia eram qualidades que de certo modo representavam o gérmen do socialismo. Por essa razão, acreditavam que não havia necessidade de substituir esta dinâmica pela democracia e economia ocidental.

O movimento narodnista, emerge dos embates referentes a problemática dos camponeses e apresentava questionamentos muito comuns das sociedades em que ocorria a transição tardia para o capitalismo. Certamente influenciados pela leitura da obra *O capital*, pautavam os seus debates em torno da inevitabilidade da Rússia de passar pela etapa do desenvolvimento capitalista. Neste contexto, acreditavam que era necessário identificar a função dos camponeses no processo revolucionário. O outro ponto do

debate, dizia respeito ao tempo que levaria até a completa desintegração das comunas caso fosse impossível para o país transpor a fase capitalista.

Os elementos centrais destas discussões que afetavam profundamente a militância populista, foram então, colocados por Vera Zaslitch de uma forma muito pragmática quando escreve em 19 de fevereiro de 1881 para Marx, solicitando que este apresentasse suas ideias, através de uma carta detalhada para posterior publicação, sobre a possibilidade de ocorrer uma revolução na Rússia utilizando a comuna camponesa como eixo do desenvolvimento socialista.

Porque há apenas duas possibilidades. Uma é a comuna rural, livre da cobrança de taxas exorbitantes, pagamento à nobreza e administração arbitrária, ser capaz de se desenvolver pela via socialista, ou seja, organizando gradativamente sua produção e distribuição em bases coletivistas. Nesse caso, o socialista revolucionário deve dedicar a sua força em prol da libertação e do desenvolvimento da comuna.

Se, no entanto, a comuna está destinada a perecer, tudo que resta ao socialista como tal é dedicar-se a cálculos mais ou menos infundados para saber quantas décadas serão necessárias para que as terras dos camponeses passem para as mãos da burguesia e quantos séculos serão necessários para que o capitalismo na Rússia alcance o mesmo nível de desenvolvimento já alcançado na Europa ocidental. Sua tarefa será, então, conduzir a propaganda apenas entre os trabalhadores das cidades, que serão continuamente inundados pela massa camponesa que, com a dissolução da comuna, será jogada nas ruas, em busca de um salário. (ZASULICH [1881], 2017: 147)

Em sua resposta Marx pondera já no início dos rascunhos, citando *O Capital* que a transformação da produção feudal em produção capitalista originou-se a partir da expropriação dos produtores; e, especificadamente, a “expropriação do solo do produtor agrícola, do camponês, é a base de todo o processo”. E, que “só somente na Inglaterra isso (a expropriação do produtor agrícola) aconteceu de forma radical (...). Todos os outros países da Europa ocidental estão seguindo o mesmo caminho”.

Ao enfatizar que fez uma descrição da “inevitabilidade histórica”, do desenvolvimento em questão, restrita aos países ocidentais, Marx assume uma clara oposição a ideia de compreender suas teorias como uma fórmula matemática, ou seja, uma expressão geral aplicável a qualquer contexto. Deste modo, ele chama a atenção para o equívoco de buscar na análise de *O Capital* argumentos que pudessem sustentar teoricamente a dissolução do Mir, pois estes coletivos rurais se inseriam em um contexto expressivamente distinto. Isto significa que para compreender o caso russo, seria fundamental considerar as especificidades do desenvolvimento do campesinato naquele país. Para ele, as comunas camponesas possuíam uma certa complexidade, pois as formas de se organizar socialmente não seguiam um padrão.

Sim, de fato! Se a produção capitalista está para estabilizar sua influência na Rússia, então, a grande maioria dos camponeses – ou seja, do povo Russo – terá de ser transformada em trabalhador assalariado e, conseqüentemente, ser expropriada pela abolição prévia de sua propriedade comunista. Mas, em qualquer caso, o precedente ocidental nada provará [sobre a “inevitabilidade histórica” deste processo]. (MARX [1881], 2017: 151)

Ao longo de sua vida Karl Marx fez algumas análises sobre o futuro do campesinato, e, suas perspectivas sempre convergiam para um inexorável processo de desintegração frente à expansão do modo de produção capitalista. No Manifesto do Partido Comunista Marx, por exemplo, compreende que é inevitável à queda das camadas inferiores da classe média, entre as quais os camponeses se inseriam, nas

fileiras do proletariado por dois motivos: incompatibilidade entre seus pequenos capitais e os processos da grande indústria, e pela incapacidade de suportar a concorrência com os grandes capitalistas.

A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou grandes centros urbanos; aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação à dos campos e, com isso, arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida rural. (MARX e ENGELS, 1998, p.4)

No entanto, em sua carta a Vera Zaslitch, ele enfatiza que para compreender o caso russo, seria essencial considerar as especificidades do desenvolvimento do campesinato, bem como a sua relação com a totalidade dos processos históricos e políticos que se reproduziam naquele país. As particularidades das comunidades camponesas não poderiam ser ignoradas e, de certa forma tais características representavam vantagens para a sua manutenção.

Minha resposta é que, graças a uma combinação excepcional de circunstâncias, na Rússia, a comuna rural, que existe em escala nacional, pode livrar-se gradualmente de suas características primitivas e desenvolver-se diretamente como um elemento de produção coletiva em escala nacional. (MARX [1881], 2017: 156)

Para Marx, as comunas primitivas apresentavam formações distintas, e por isso não poderiam ser compreendidas da mesma maneira. A comuna rural russa, em seu entendimento, se inseria no âmbito do tipo mais recente de formação social arcaica, o que seria a comuna agrícola e, também como forma de transição para a propriedade privada tal como registrava no interior do movimento histórico que se desenvolvia na Europa ocidental. Dentro das comunas agrícolas já plasmavam elementos que representavam uma forte ameaça à terra comunal, e conforme Marx, o trabalho fragmentado era o fator preponderante do qual se originava a apropriação privada. Este aspecto determinante, que não se encontrava sujeito ao controle comunal, permitiria à acumulação de bens móveis e dissolveria a igualdade econômica e social primitiva. Consequentemente elementos heterogêneos eram introduzidos nas comunas e, assim, emergiriam conflitos de interesses, os quais seriam responsáveis por transformar em propriedade privada a posse comunal, a princípio das terras aráveis e posteriormente de outras áreas como as terras inúteis. Deste modo, Marx aponta:

Como [a mais recente] última fase na formação [arcaica] primitiva da sociedade, a comuna agrária [naturalmente representa a transição] é ao mesmo tempo, uma fase na transição para a formação secundária e, conseqüentemente, na transição de uma sociedade baseada na propriedade privada. A formação secundária inclui, naturalmente, a série de sociedades que permanecem sob escravidão ou servidão.

Isso significa, no entanto, que a trajetória histórica da comuna agrária estaria fadada a terminar dessa forma? Não necessariamente. (MARX [1881], 2017: 175)

O conjunto de características das comunas agrícolas apresentavam de maneira muito evidente, o dualismo inerente à sua constituição, ou seja, a presença de elementos referentes tanto a propriedade comunal quanto a propriedade privada. Segundo Marx, a coexistência dessas forças assegurava determinantes que beneficiariam a permanência histórica das comunas agrícolas, uma vez que as relações sociais que as permeavam provocavam o desenvolvimento de uma individualidade incompatível com a forma de organização das comunidades primitivas. No entanto, este mesmo dualismo também poderia tornar-se fonte de sua desintegração em virtude da sua própria dinâmica interna pois, “ou o elemento de propriedade privada que nela está ganha vantagem sobre o elemento coletivo ou o contrário acontece.”

A situação peculiar na qual as comunas se encontravam, e para a qual não registrava similaridade na história permitia incorporar os aspectos positivos já desenvolvidos pelo sistema capitalista, sem ter que ser infligida pelas suas vicissitudes. E isso lhe possibilitava aprimorar, teoricamente, a produção coletiva não mais dentro dos padrões arcaicos, o que não aconteceria em virtude da projeção da individualidade no cerne das comunidades, mas por meio de uma socialização concreta dos processos sociais produtivos e reprodutivos estruturados fundamentalmente sobre a propriedade comunal.

Assim, apropriando dos resultados positivos desse modo de produção, ela será capaz de desenvolver e transformar a forma ainda arcaica de sua comuna rural, em vez de destruí-la. (obervo de passagem, que a forma da propriedade comunista na Rússia é a mais moderna do tipo arcaico, tendo passado por toda uma série de mudanças evolutiva). (MARX [1881], 2017: 152)

Aqui Marx, apresenta uma estratégia para alcançar a solução do dualismo inerente da comuna russa, por meio da expansão dos princípios da coletividade e da eliminação dos fundamentos da propriedade privada, que apresentava como agente principal, como já mencionado, o trabalho fragmentado enquanto gênese da apropriação. Este desenvolvimento, encontrava-se em conformidade com a predisposição geral da sociedade moderna, tendo em vista que a comuna russa coexistia com a produção capitalista em um momento que esta encontrava-se em conflito com as forças produtivas que ela mesmo engendrava. Ou seja, a comuna rural estava diante de um sistema social em estado de crise “que só terminará quando for eliminado através das sociedades modernas ao tipo “arcaico” de propriedade comunal”.

Para aqueles que recusavam aceitar que esse desenvolvimento fosse teoricamente possível, sob a alegação de uma trajetória histórica determinada, Marx observa que o aparato de troca como os bancos, se expandiram no país rapidamente ao contrário do que ocorreu em outras nações e, que a indústria mecânica da Rússia não teve que passar pelo longo período de incubação tal qual a Europa ocidental, para utilizar o maquinário, navios a vapor e ferrovias.

No prefácio à edição russa do Manifesto do Partido Comunista, em 1882⁸, Marx e Engels asseguram que a forma marcadamente tradicional de organização comunal da produção, verificada na Rússia naquele período, poderia ser um potencializador de mudanças expressivas no país sob a condição de emergir uma revolução proletária na Europa ocidental que encontrasse complemento na revolução russa. A arcaica forma de organização poderia se consolidar enquanto tipo superior de propriedade comunista caso fosse capaz de usufruir do momento histórico contemporâneo e apropriar da fase instantânea de desenvolvimento das forças produtivas que ocorria nos países europeus ocidentais. Entretanto, a permanência do isolamento da comuna russa poderia comprometer a força catalizadora de sua transformação.

A circunstância fundamental do desenvolvimento econômico, todavia, mantém-se como um postulado elementar da proposição de Marx e Engels pertinente ao comunismo. Assim, Marx indica que é possível que cada país construa trajetórias distintas para operar suas drásticas transformações industriais de caráter comunista. Caso conservasse seu isolamento, fatalmente a propriedade comunal seria condenada a dissolução. Contudo, uma vez, frente a eventualidade de lograr o conjunto de processos, e, métodos próprios de produção adquiridos pelo capitalismo europeu, a comuna agrícola seria capaz de realizar uma

transição histórica para um estágio evolutivo na sociedade comunista sem ter que passar de forma imprescindível pelas fases de desenvolvimento do capitalismo que a Europa ocidental tinha vivenciado.

O que ele denomina como “microcosmo isolado” e, que não é uma característica intrínseca e universal deste tipo social é apontado como o ponto de origem de um despotismo central. A problemática deste isolamento que possivelmente surgiu pela dimensão geográfica do país e cuja consolidação foi ampliada pelas transformações políticas posterior a invasão mongol⁹, poderia para Marx, ser suprimida sem grandes dificuldades.

Hoje este é um obstáculo que pode ser retirado com a maior facilidade. Tudo o que é necessário é substituir o “volost”, uma instituição governamental, por uma assembleia de camponeses eleita pelas próprias comunas – um corpo administrativo e econômico que sirva a seus próprios interesses. (MARX [1881], 2017: 163)

Os entraves governamentais são aqui apresentados, como importantes mecanismos de manutenção do encapsulamento e da falta de comunicação entre as vidas das diferentes comunas e que por efeito negava a estes tipos sociais qualquer forma de iniciativa histórica. A superação do isolamento e do surgimento de uma configuração mais dinâmica de articulação, que garantissem um maior alcance da homogeneidade das comunas agrícolas, passava pela desintegração da unidade territorial-administrativa rural controlada pelo Estado que exercia influência direta nas organizações das comunidades camponesas russas. No entanto, ele pondera:

Ela pode abrir um novo caminho que não começa com seu próprio suicídio. Ela pode colher os frutos com os quais a produção capitalista enriqueceu a humanidade sem passar pelo regime capitalista, que simplesmente, em termos de sua possível duração, apenas tem importância na vida da sociedade. Mas é necessário descer da pura teoria para a realidade russa. (MARX [1881], 2017: 165)

Possivelmente, neste momento, Marx tenha evocado que o conteúdo desta correspondência poderia ser ao mesmo tempo, para o movimento revolucionário, tanto um catalizador de sua dissolução como, também, um instrumento fundamental nas estratégias de luta. Por isso faz esta consideração, apontando que o contexto histórico e social das comunas agrícolas não eram tão favoráveis para todo o processo que se opunha a “inevitabilidade histórica” e que, não poderia se fazer abstração do conjunto de elementos prejudiciais que reduziria ou impediria as condições essenciais das comunas russas atingirem uma forma constitutiva mais elevada.

Ninguém pode disfarçar o fato de que a comuna russa agora enfrenta uma conspiração de interesses e forças poderosas. Não apenas o Estado a tenha sujeitado a uma exploração incensante, mas também alimentado, à custa do camponês, o estabelecimento de certa parte do sistema capitalista – bolsa de valores, banco, ferrovias, comércio... (MARX [1881], 2017: 167)

Após a chamada emancipação do campesinato, as comunas russas foram subjugados pelo Estado através de uma força social altamente concentrada e instrumentalizada pela cobrança de impostos e pela exploração dos donos das terras e mercadores. Este conjunto de mecanismos de expropriação que para Marx colocavam as comunidades agrícolas em “condições anormais”, produziu no cerne das comunas, conflitos de interesses que ocasionaram o surgimento dos germens de sua própria dissolução. Ademais, as ramificações do sistema capitalista ocidental foram fortemente impulsionados pelo Estado às expensas dos

camponeses, ignorando qualquer viabilidade de desenvolvimento das capacidades produtivas das comunas agrícolas. E, a estrutura facilitadora de todo este processo era a submissão dos agricultores a uma rigorosa carga fiscal, que os deixavam extremamente vulneráveis para qualquer iniciativa de extorsão organizada pelo Estado.

O que ameaça a vida da comuna russa não é nem a inevitabilidade histórica nem teórica; é a opressão do estado e a exploração dos intrusos capitalistas que o Estado fez poderosos à custa dos camponeses. (MARX [1881], 2017: 155)

O Estado produzia sobre as comunas camponesas deformações estruturais em suas relações econômicas para garantir as condições fundamentais de exploração e, esta força que agia historicamente sobre as comunidades agrícolas neutralizava qualquer mecanismo de reação para a manutenção da sua própria existência dentro de uma lógica de propriedade comunal. Era evidente para Karl Marx, que a continuidade deste processo resultaria na incorporação destes “tipos sociais” pelo modo de produção capitalista, tal como verificou-se na Europa ocidental com as formações arcaicas de sociedade. Havia somente uma alternativa que impediria a desintegração das comunas como uma previsão histórica: o desvio desta trajetória era a Rússia passar por um processo revolucionário em tempo hábil para recolocá-las em seu estado normal e que assegurassem seu desenvolvimento espontâneo. Assim, Marx deixa evidente que somente uma ruptura social e histórica profunda, seria capaz de impedir a completa dissolução das comunas agrícolas.

Para salvar a comuna deve haver uma revolução russa. De sua parte, o governo e os “novos pilares da sociedade” estão fazendo o seu melhor para preparar as massas para essa catástrofe. Se a revolução acontecer em tempo, se ela concentrar todas as suas forças [se a parte inteligente da sociedade russa] [se a intelectualidade russa (l’ intelligence russa) concentrar todas as forças vivas do país] para assegurar o crescimento dos obstáculos da comuna rural, ela logo se desenvolverá como um elemento regenerador da sociedade russa e um elemento de superioridade sobre os países escravizados pelo regime capitalista. (MARX [1881], 2017: 170)

Ao apresentar a “revolução russa” como possibilidade de conservação das comunas camponesas fica claro, para Marx, que era plausível acontecer a transição direta destes tipos sociais para um socialismo que encontraria complemento na Europa ocidental. Outra constatação é que a permanência histórica das comunas era incompatível com qualquer constituição política e econômica que não fosse a forma coletiva de propriedade.

Considerações finais

Embora seja uma tarefa difícil extrair de forma consistente o pensamento de Marx a respeito da questão levantada pela revolucionária Vera Zasulitsh, pela ausência de referências comparativas por ele desenvolvidas, concluímos que estes rascunhos são mais do que uma nota de rodapé histórica. Estes documentos, por um lado, representam uma das passagens extraordinárias da biografia de Karl Marx, dada sua aproximação com o movimento revolucionário russo, que por vezes ele questionava a sua força estratégica e a determinação política. Por outro lado, constituiu um dos pontos mais densos de sua produção intelectual uma vez que apresentou elementos muitos significativos que considera a possibilidade do

socialismo ser alcançado por meio de um salto histórico, que não necessita passar imprescindivelmente pelo estágio mais avançado do modo de produção capitalista.

Portanto, um dos aspectos fundamentais destes rascunhos refere-se ao fato de que explicitamente torna-se impropriedade adotar as compreensões que imputam uma inevitabilidade histórica na elaboração marxiana. Ele sumariamente recusa a perspectiva de uma sequência necessária de modos de produção. Em vez disso, Marx reconhece as diversas alternativas que existem no movimento histórico, bem como as circunstâncias em que a história cria novas condições em seu curso que influencia o desenvolvimento futuro.

Uma análise comparativa entre os quatro rascunhos e a última versão da correspondência nos permite constatar que existem proposições que foram suprimidas ou tiveram espaço para o campo de reflexão diminuído por Marx à medida que ele elaborava os rascunhos. Do mesmo modo, seu entusiasmo com a capacidade das comunas russas resistirem a “inevitabilidade histórica” também vai sendo reduzido e, por fim nos é apresentada uma resposta final bastante sucinta. Contudo, ele não renuncia em nenhum momento a duas convicções que representam uns dos pontos mais significativos destes manuscritos. No texto conclusivo que escolheu para encaminhar para Vera Zaslitch ele prossegue sustentando que *O Capital* não oferece argumentos nem a favor nem contra a dissolução das comunidades agrícolas e, que as comunas seriam o ponto de apoio de regeneração social da Rússia, caso fossem eliminadas as influências prejudiciais que lhes afetavam de distintas maneiras.

Marx estava ciente de que a presença histórica das comunas camponesas determinaria o futuro da Rússia, e também reconhecia que havia características apresentadas por estes “tipos sociais”, como a posse comunal de terra, que constituíam elementos muito favoráveis para os desdobramentos dos processos revolucionários, como almejavam os populistas. Assim, estas correspondências ilustram o interesse de Marx, nos últimos anos de sua vida, em encontrar um caminho alternativo para se alcançar o socialismo. Após testemunhar as frustrantes tentativas do proletariado em romper com a ordem política na Europa ocidental, possivelmente ele tenha identificado na Rússia condições para que a classe operária e, particularmente os camponeses, se convertessem em forças sociais potencialmente capazes de superar o Estado burguês pela via socialista.

Referências bibliográficas

BLUM, J. **Lord and Peasant in Russia: From the Ninth to the Nineteenth Century** (Princeton University Press, 1961)

KEMP, Tom. **A Revolução industrial na Europa do século XIX**. Tradução de José Marcos Lima, Lisboa: Edições 70, 1987.

MARX, K.H.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista** (trad. Álvaro Pina, São Paulo, Boitempo, 1998), p. 73. (N. T.)

MARX, Karl. **Carta a Vera Zaslitch, 1881**. In: SHANIN, Teodor. *Marx tardio e a via russa – Marx e as periferias do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MARX, Karl. **O capital: crítica à economia política**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1991.

SHANIN, Teodor. **Marx tardio e a via russa – Marx e as periferias do capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SILVA, Ligia Maria Osorio. **Lenin: a questão agrária na Rússia. Miolo_Rev_Critica_Marxista**, 2012.

Notas:

- ¹ Doutoranda no Programa de pós Graduação em educação e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5901-6814> E mail: marizethandrade@hotmail.com.
- ² Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Educação pela UFMG. Doutor em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutorado em Filosofia Política e Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professor Associado da UFMG. Professor do Programa de Pós-Graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação da FAE-UFMG. Desenvolve pesquisas no campo de confluência entre trabalho, política, formação e emancipação humana. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5901-6814> E-mail: hormindojunior@gmail.com.
- ³ Estes rascunhos foram descobertos nas no ano de 1911 por David Riazanov que conseguiu decifrá-los somente dois anos depois, com a ajuda de N. Bukharin.
- ⁴ Vera Ivanovna Zaslitch (1849-1919). Originalmente narodnik, tornou-se marxista e foi uma das fundadoras do grupo Emancipação do Trabalho (1883).
- ⁵ Comunidade autônoma de famílias camponesas que contrapunham aos sítios individuais, na Rússia Imperial.
- ⁶ Proclamada em 1861 pelo imperador Alexandre II, a Reforma Emancipadora que libertou os servos foi o evento mais importante na história russa do século XIX.
- ⁷ Os eslavófilos acreditavam e defendiam que a Rússia tinha o seu caminho específico e rejeitavam as reformas iniciadas por Pedro, o Grande; por seu turno, os ocidentalistas eram adeptos das reformas e de tudo o que era ocidental; criticavam o sistema de governação, apoiavam o progresso e o capitalismo.
- ⁸ Ver Prefácio à (segunda) Edição Russa de 1882. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/prefacios.htm> Acesso em: agosto de 2019.
- ⁹ Invasão empreendida por um vasto exército de nômades mongóis, iniciada em 1223, contra o estado da Rússia Kieviana, a essa altura dividida em vários principados.

Recebido em: 14/12/2018

Aprovado em: 24/01/2019